

REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM  
SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Lucília Dias  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Licenciada em Ciências Sociais

**Resumo**

O artigo que apresento situa-se numa área de interesse que vem reunindo diversos antropólogos: os estudos com e sobre crianças. Uma revisão das abordagens antropológicas sobre a infância aponta para a superação de modelos que priorizavam o enfoque da reprodução social e da transmissão cultural. Atualmente os antropólogos tendem a considerar as crianças como sujeitos ativos nos processos sociais que as envolvem (Cohn, 2005). O objetivo deste texto é um comentário da bibliografia sobre crianças indígenas ou infâncias indígenas nas terras baixas sulamericanas, a partir da leitura de etnografias e trabalhos teóricos sobre o tema. Com base nesta análise, indico algumas pistas ou caminhos que poderão vir a contribuir no desenvolvimento teórico e metodológico desse campo de investigação.

**Palavras-chave:** antropologia da criança; etnologia indígena; infâncias indígenas.

**AS CRIANÇAS E A ANTROPOLOGIA: CONSOLIDAÇÃO DE UM CAMPO DE  
INVESTIGAÇÃO**

O presente artigo é fruto de meu projeto de bacharelado, apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora em julho de 2010. Tal projeto situa-se numa área de interesse que vem reunindo diversos antropólogos no Brasil atualmente: os estudos sobre e com crianças. De modo particular, ele vincula-se a uma linha de pesquisa que se desenvolve no interior da etnologia indígena, voltada para o estudo da infância em sociedades indígenas nas terras baixas sulamericanas<sup>1</sup>.

É muito comum, em conversa com um etnólogo sobre seu trabalho de campo em um grupo indígena, que ele comente sobre a receptividade e a curiosidade das crianças face à sua presença. Em contrapartida, as crianças parecem não ter merecido igual atenção na investigação antropológica. Os (as) pequenos (as) foram tidos muitas vezes como “imatuross”, seres em formação que ainda não teriam alcançado a condição plena de sujeitos sociais, visão que não estimularia uma investigação sistemática sobre a infância. Fato é que, até recentemente a bibliografia antropológica produzida no Brasil voltada para as crianças indígenas era quase inexistente.

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Os primeiros trabalhos que lançaram um olhar mais atento às crianças indígenas são da década de 40 do século XX. Em 1944, Mellati & Mellati publicaram um artigo sobre a educação e os cuidados dos adultos marubo com suas crianças. Um ano depois, Egon Schaden lança um texto sobre educação e magia nas cerimônias de iniciação dos índios guarani. O nascimento e a primeira infância dos índios Cayapó do Xingu foram temas de um artigo de Métraux e Dreyfus em 1958. Quase 20 anos depois, Egon Schaden volta a escrever sobre as crianças guarani, em artigo intitulado *Educação Indígena*. Florestan Fernandes também abriu espaço para as crianças indígenas em sua vasta obra, discutindo a socialização das crianças Tupinambá em um trabalho de 1966.

Todos esses estudos contribuíram para o destaque às crianças nas pesquisas antropológicas; no entanto, seus pressupostos os limitavam. Mergulhados em ideais culturalistas e funcionalistas<sup>2</sup> esses trabalhos priorizavam o enfoque da reprodução social e da transmissão cultural. À criança era negada a condição de sujeito dotado de agência na consolidação e definição de seu lugar na sociedade (COHN, 2005, p. 15).

Durante muito tempo as pesquisas sobre crianças foram guiadas pelos preceitos das escolas mencionadas acima.

Entretanto, a partir dos anos de 1980 baseando-se em mudanças conceituais que estavam ocorrendo no interior da antropologia e da sociologia, a vertente conhecida como *new social studies of childhood* desenvolveu uma forte crítica às idéias defendidas por culturalistas e funcionalistas. O principal objetivo dos *new social studies* era estabelecer a compreensão dos fenômenos da infância a partir do social. As crianças deixariam de ser vistas como passivas e dependentes do mundo adulto, para serem pensadas como sujeitos plenos, rompendo a relação necessária entre família – socialização – crianças a fim de conceber a infância como um objeto de estudos válidos em si mesmo (PIRES, 2008, p.137)<sup>3</sup>. A etnografia foi vista como um método particularmente útil ao estudo da infância sob este novo paradigma, pois permite à criança participação e voz mais diretas na produção de dados (LOPES DA SILVA, NUNES & MACEDO, 2002, p.18).

Apesar dos pesquisadores dessa corrente<sup>4</sup> terem, ao que parece, cometido certo exagero ao colocarem a criança como sujeito pleno da sua própria socialização sem reconhecer o papel do adulto neste processo, eles foram de extrema importância para o desenvolvimento teórico e metodológico dos estudos da infância. Foi a partir dos princípios do *new*

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*social studies*, principalmente aquele que diferentes realidades socioculturais, que novas abordagens do mundo infantil começaram a surgir. Uma dessas abordagens é aquela que trata a infância como construção social, defendendo assim sua pluralidade e diversidade. Outra é aquela que apresenta o mundo social da infância como um mundo à parte, cheio de significados próprios e não um mero mundo de fantasias e imitações, precursor do mundo adulto (LOPES DA SILVA, NUNES & MACEDO, 2002, p. 23).

Mas a descoberta da criança como sujeito ativo na produção de um mundo social que lhe é próprio deveu-se principalmente a pesquisas etnográficas que se multiplicavam pelo mundo todo. Na Europa, nos anos 90 do século XX, cresceram consideravelmente o número de etnografias que abordavam as crianças no meio urbano; no Brasil na última década, muitas foram as pesquisas que se ocuparam de estudar as crianças indígenas<sup>5</sup>.

A pesquisa etnográfica pioneira no país que apresentou a criança indígena como um ator social ativo foi a dissertação de Nunes (1997) sobre a “sociedade das crianças” xavante da aldeia de *Namankurá*, Terra Indígena de São Marcos, Mato Grosso. Uma das questões que a autora aborda nesse estudo é essa imagem

incentivava o trabalho de campo em corrente na antropologia da criança como imitadora do mundo adulto. Em uma revisão sobre o modo como a criança é tratada em textos representativos da etnologia brasileira, a autora demonstra que, em sua maioria, esses trabalhos apresentam dados sobre a transmissão e recepção dos saberes somente a partir da iniciação, como se o processo de aprendizagem começasse aí, ou como se o período da infância fosse irrelevante. Assim sendo, Nunes sugere que o processo de aprendizado das crianças indígenas possa ser desvendado dando-se mais atenção às suas brincadeiras como um modo de conhecer e conhecer-se, tendo momentos de transmissão e recepção próprios.

É importante salientar que a etnografia de Nunes sobre as crianças xavante serviu de fonte de inspiração para a elaboração de muitos trabalhos em outras realidades sócio-culturais, além de ter dado o primeiro passo para o desenvolvimento desse campo de pesquisa no país.

### **INFÂNCIA INDÍGENA NO BRASIL: ALGUNS DADOS**

Nesse tópico tratarei de alguns trabalhos sobre infância indígena produzidos no Brasil nos últimos dez anos,

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

período em que apareceram, em alguns programas de pós-graduação linhas de pesquisa voltadas para a Antropologia da Criança<sup>6</sup>, e também abriram-se espaços em congressos, como a ABA e a ANPOCS, para o debate de pesquisas que se ocupam de estudar crianças<sup>7</sup>.

O primeiro trabalho que podemos citar é a pesquisa de Cohn (2000) entre os Xikrin do Bacajá, grupo de língua jê que habita o sudoeste do Pará. Em sua dissertação de mestrado a autora trata do modo como os Xikrin definem a infância, o conhecimento e o aprendizado. Após uma apresentação do universo social desse grupo, o texto traz reflexões sobre o papel da criança nesse universo, ou seja, sobre qual a importância das crianças na vida social xikrin, complementando, portanto, a visão antropológica dessa sociedade com um olhar sobre as crianças, que até então não tinham sido foco de análise nas etnografias sobre este povo.

Segundo Cohn (2000, p.61), as crianças são fundamentais na definição das categorias de idade na sociedade Xikrin, as quais, com o gênero, são o meio privilegiado de estabelecer o status social dos indivíduos: o nascimento de uma criança consoma um casamento e dá aos pais a condição de adultos, tornando-os *mekrare*, ou seja, os que têm filhos. É pelo número de filhos que um homem ganha

maior participação na oratória, e as mulheres se dividem para realizar atividades coletivas. A velhice também é explicada pelos Xikrin tendo por referência os filhos: velho (*mebengêt*) é aquele que não tem mais filhos. Como destaca a autora, as crianças são excluídas de pouquíssimos acontecimentos do cotidiano e dos rituais dessa sociedade. A elas só não é permitido entrar no *ngà*, casa dos homens, em dia de reuniões, principalmente quando estão realizando o ritual do *bô*<sup>8</sup>, e quando é realizado um ritual à noite, momento considerado perigoso, pois os *mekaron*, os espíritos dos mortos, voltam à aldeia. Assim, tendo acesso livre em quase todos os espaços da aldeia, as crianças atuam como mensageiras entre as casas, aprendendo na prática as complexas redes de relações sociais e os princípios de reciprocidade que regem essa sociedade. Esse papel lhes cabe por não terem ainda o *pia'am* (“vergonha” ou “respeito”), que caracteriza a relação dos adultos entre si (COHN, 2000, p. 71).

Sobre os momentos de aprendizado, Clarice Cohn nos mostra que existem as situações rituais e as do cotidiano. Nas situações rituais o ideal de transmissão de prerrogativas é a participação conjunta no ritual – de *Kwatui*, *ngêt* e *tabdjuo*<sup>9</sup> – desde que a criança é pequena. Cohn destaca ainda que

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

a realização de um ritual fornece uma outra ocasião privilegiada de aprendizado, pois é precedido por um longo período de ‘ensaio’, em reuniões diárias, tanto para os homens como para as mulheres, sejam elas adultas ou crianças. Já quanto ao aprendizado cotidiano, para os Xikrin, “o momento privilegiado de aprendizado acontece à noite, quando as crianças dormem com seus avós, e, antes de adormecer, os ouvem contar histórias” (COHN, 2000, p. 106).

Cohn expõe também, sobre o que representa para os Xikrin o crescimento e o desenvolvimento infantil. A criança é constituída por um corpo (*in*) e por uma alma (*karon*). O *karon* constitui-se durante a gestação, sendo que quando a criança nasce seu corpo é mole e vai endurecendo com o tempo, através da pele, que é um intermediário entre o ser interior e a pessoa social, que só se torna humana através da pintura. A criança só adquire a capacidade de aprender/ compreender quando seus órgãos do aprendizado, que são os olhos e os ouvidos, estão desenvolvidos. A afirmação dos adultos xikrin de que suas crianças sabem tudo porque vêem, mas que elas nada sabem porque são ainda crianças, só pode ser entendida quando se sabe que eles consideram que uma criança tem os instrumentos para o aprendizado, os olhos e os ouvidos, ainda não plenamente

desenvolvido (COHN, 2000, p.120). O desenvolvimento desses órgãos é estimulado por meio do contato ou ingestão de algumas substâncias.

Outro ponto importante sobre o desenvolvimento das crianças xikrin está relacionado à ornamentação corporal. Assim que uma criança nasce ela é imediatamente pintada para ser integrada à sociedade. Conforme ela vai crescendo, o corte de cabelo, os adornos e os motivos gráficos da pintura corporal vão se modificando e tomando outros significados. Ainda sobre a pintura corporal, a autora coloca que é uma atividade feminina, e que desde pequenas as meninas reproduzem em suas bonecas os motivos gráficos. Recentemente, com a implantação da escola, tanto meninas quanto meninos se utilizam do papel como um suporte novo para a expressão gráfica, pintura que vai além do grafismo geométrico explorado na pintura corporal, permitindo o desenvolvimento de um estilo figurativo (COHN, 2000, p.165).

Por fim, sobre a dissertação de Cohn, vale informar que nela se encontra uma rica análise de trabalhos que nos serve de referência para o estudo das infâncias indígenas nas terras baixas sulamericanas.

Outro trabalho de destaque é a tese de Nunes (2003) entre os Xavante da aldeia de *Idzo'uhu*, Terra Indígena de

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Sangradouro, Mato Grosso. Analisando situações do cotidiano que envolvem crianças e adultos, Ângela Nunes se depara com o confronto da introdução da educação escolar oficial, e a tentativa de implementação de um projeto educacional idealizado pelos próprios índios. Tal projeto está especialmente atento à maneira como as crianças vivem este processo de transformação cultural, dando a elas inteira liberdade para criar e colaborar para que o mesmo siga adiante.

É na segunda parte de sua tese que a autora volta sua atenção para a infância e a educação escolar em *Idzo'uhu*. Segundo ela, a infância xavante é caracterizada por um sistema de categorias de idade que, para além da categoria *aiuté*, usada indiferenciadamente para bebês de até dois anos de idade de ambos os sexos, não define outras categorias de idade que designem do mesmo modo meninos e meninas. Para os meninos as denominações das categorias de idade seguem a seguinte ordem: *aiuté*, meninos de até 2 anos, *watebremiti*, meninos com idade de 2 a 9 anos, *airepudu*, meninos de 9 a 12 anos. No que se refere às meninas à definição das categorias de idade são as seguintes: *aiuté*, meninas até 2 anos, *ba'õno*, meninas com idade de 2 a 9 anos, *adzarudu*, meninas com idade de 9 a 12 anos. Portanto, fica claro, no caso xavante,

que “este povo não utiliza uma categoria de idade genérica equivalente a nossa de ‘criança’, que seja válida em simultâneo para meninos e meninas desde o nascimento até a adolescência” (NUNES, 2003, p.180).

Já em relação à educação escolar, ao apresentar relatos de professores xavante sobre o que eles entendem sobre o que seja uma escola diferenciada, Nunes nos fornece o ponto de vista desses adultos sobre o conhecimento infantil. Fica evidente em várias situações expostas pela autora na última parte de seu texto que esses professores valorizam significativamente o trabalho e o saber de suas crianças. A troca de conhecimentos entre professor e aluno pode ser percebida no relato que Nunes faz de uma ocasião em que a professora Cesarina senta em círculo junto a algumas crianças na beira do rio, e começam a modelar o barro: “De início, não consigo perceber se são as crianças que a acompanham ou se, ao contrário, é ela que as segue. Enquanto vão conversando entre si, as mãos vão trabalhando e dando forma à argila” (NUNES, 2003, p.284).

A preocupação em tornar o ensino mais próximo do universo de referências ao qual as crianças têm acesso mais direto pode ser comprovado na situação descrita acima e também no esforço do professor

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Lucas de juntar trabalhos das crianças e organizá-los para que sirvam de material de apoio, já que raramente usam os livros didáticos doados pelo governo. Assim, como expõe Nunes (2003, p.300):

[...] os professores são os orientadores, mas são as crianças as criadoras dos novos materiais didáticos, ou seja, é a resposta destas às propostas trazidas pelos professores, concretizadas em desenhos, textos, histórias, representações, problemas, etc., que virá a constituir o material de reflexão dos professores que, por sua vez, o organizarão como material de apoio [...].

Outras informações importantes que podemos encontrar no trabalho de Nunes estão relacionadas aos impasses, desafios e conquistas desse recente campo que é o da Antropologia da Infância, além de realizar uma rica exposição sobre os caminhos da infância na etnologia indígena brasileira.

Dando continuidade à exposição de trabalhos que tem como tema a infância indígena, podemos apresentar a etnografia de Codonho (2007) cujo principal objetivo é analisar a transmissão de saberes entre crianças galibi-marworno do norte do Amapá. De acordo com essa autora é muito comum ver entre crianças galibi-marworno uma responsabilidade e um cuidado das crianças mais velhas para com as mais novas, e não são raras as cenas em que as primeiras orientam e passam seus conhecimentos para as segundas. Como

destaca Codonho, o compartilhamento desses conhecimentos se dá em várias esferas da vida. No que tange à organização social desses índios, por exemplo, pode-se perceber que a divisão em grupos de convivência das crianças equivale à divisão em *hã* (núcleo de família), própria da cultura desse povo. Característica marcante desses grupos infantis é terem sempre um líder, geralmente uma criança mais velha, que protege e orienta as menores. Entretanto, como frisa a autora, tal divisão não é imposta pelos adultos, sendo esse comportamento uma construção própria das crianças (CODONHO, 2007, p. 84).

Diferentemente das crianças xikrin e xavante apresentadas acima, as galibi-marworno não transitam livremente pelos espaços da aldeia. Mesmo quando se reúnem no alojamento da aldeia para desenhar, a autora percebia uma divisão do espaço feita pelos grupos de convivência. Nesse sentido, Codonho coloca que (2007, p.83):

Verifica-se ainda que, em situações em que devem juntar-se às crianças de outros grupos, como nos momentos em que desenhavam no alojamento onde estava hospedada, zonas espaciais também eram delimitadas por elas, sendo que cada canto do cômodo onde se realizava a atividade era preenchido por crianças de um mesmo *hã*.

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Ainda nesse momento de atividades no alojamento e nos passeios dentro e fora da aldeia com as crianças, a autora constatou também o grande conhecimento que os (as) pequenos(as) possuem da flora e da fauna, bem como de suas extensões cosmológicas. Desse modo, por ocasião de sua pesquisa, Codonho pediu às crianças que desenhassem os meses do ano destacando os animais e plantas mais recorrentes em cada época. A partir dos desenhos, ela percebeu a exatidão com que expressavam as épocas de cada elemento natural, enfatizando até mesmo migrações de pássaros (como o pato selvagem), peixes e outros bichos. Essas informações contidas nos desenhos foram posteriormente verificadas com os adultos, que as confirmaram, o que demonstra uma grande percepção a respeito da sazonalidade regional. Tal percepção também é construída a partir da convivência no interior dos grupos infantis, devido ao grande contato com a flora e a fauna locais em suas atividades e brincadeiras cotidianas (CODONHO, 2007, p.90).

Essa transmissão de etnoconhecimentos entre pares foi considerada pela autora como situações de aprendizado que ocorrem no cotidiano da aldeia. Assim sendo, vale ressaltar que Codonho (2007, p.111) também se

preocupou em apresentar situações de quebra desse ritmo diário, que segundo a pesquisadora, foram bastante reveladoras em relação a essa transmissão horizontal de conhecimentos, além de ser possível reconhecer por meio dessas situações a participação ativa das crianças e para demonstrar a percepção que elas têm a respeito das regras sociais que regem o seu grupo.

Um dos exemplos de situações que a autora analisa são os velórios, em que brincadeiras e cantigas específicas para a ocasião são entoadas em grupo por crianças de diferentes *hãs* sem que briguem. Segundo os Galibi-Marworno esse comportamento das crianças é incentivado porque alegra um pouco a família do falecido. A pesquisadora prossegue dizendo que fora dessas ocasiões as crianças galibi-marworno não entoam os cantos, por medo de atrair a morte.

As crianças nessa sociedade funcionam também como informantes sobre as mortes, dando detalhes do ocorrido aos adultos, além de saberem exatamente como se comportar por ocasião de um falecimento. Quando há morte no grupo toda a aldeia suspende suas atividades em luto, o que se estende às atividades infantis, que passam a ser mais

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

discretas e retraídas, mesmo no caso das brincadeiras.

Por fim, um último trabalho que podemos citar é a recente pesquisa de Pereira (2010) sobre a socialização das crianças kaiowá e guarani em algumas aldeias localizadas no sul do Mato Grosso do Sul. De acordo com o autor existiria uma duplicidade de sistemas de socialização dessas crianças.

O primeiro desses sistemas estaria associado às formas de socialidade que envolveriam as práticas desenvolvidas no âmbito do fogo familiar ou na convivência com os parentes (parentela). Cada módulo organizacional desse tipo desenvolve estilos próprios de conduta, as pessoas se pensam a partir do módulo ao qual pertencem e desenvolvem o sentimento de identificação e pertencimento a um grupo específico de pessoas. Um resultado disso, como aponta Pereira (2010, p.13), é “que as crianças que aí nascem e crescem, vivenciam processos de socialização com distintividade suficiente para dar suporte a outros processos de diferenciação social”. Desde cedo as crianças aprendem a circular em lugares que elas chamam de “meu pedaço”, e também aprendem a perceber os lugares ocupados pelos outros grupos, por onde a circulação deve ser esporádica e cercada de cuidados.

Com relação a esse comportamento infantil, Pereira (2010, p.15) fala de situações que ocorrem dentro das escolas de reservas e aldeias da região. Segundo ele, mesmo recebendo um tratamento indistinto e homogêneo, é comum dos alunos formarem grupos exclusivos na escola, que tendem a replicar as configurações dos diversos “pedaços”, o que faz com que ocorram rivalidades entre estes grupos na escola ou no caminho de volta para casa. O autor continua dizendo que a ocorrência de brigas entre as crianças muitas vezes causa desentendimentos entre os pais, que inclusive em situações mais graves se vêem obrigados a mudar de localidade.

O segundo sistema de socialização vincula-se a diversidade de ambientes originários do universo não-indígena nos quais as crianças se socializam. Eles envolveriam formas de socialização desenvolvidas na escola e nas igrejas pentecostais por exemplo. O cotidiano dos módulos organizacionais, seja eles o fogo familiar, a parentela, ou o *tekoha* (comunidade), é marcado atualmente pelas “alianças com instituições oriundas da sociedade nacional, o perfil ou estilo comportamental de cada segmento sendo, em grande medida, orientado pelas características da instituição não-indígena à qual o segmento está vinculado”

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

(PEREIRA,2010,p.23). Como destaca o pesquisador, essas vinculações além de não serem nada desinteressadas, pois servem para aumentar o prestígio e o poder de fogos e parentelas, também interferem diretamente nos processos de socialização das crianças, instituindo ambientes de vida diversos nos quais as crianças se socializam. É a partir de sua imersão neste microcosmo que as crianças aí socializadas pensam e agem sobre a diversidade interna e externa às suas comunidades.

Todos os trabalhos apresentados acima, e outros que infelizmente por falta de espaço não podemos expor aqui, são de notável importância para o processo de consolidação desse campo de investigação. Esses estudos contribuíram sobremaneira para a derrubada daqueles pressupostos que vêem a criança a partir do adulto e negam a pluralidade e diversidade de infâncias entre os coletivos humanos.

Em termos teóricos percebemos que a uma utilização de temas clássicos da Etnologia Indígena, tais como a noção de pessoa e a socialização<sup>10</sup>, o que vem contribuindo muito para dar mais densidade teórica as investigações antropológicas sobre a infância. Contudo, no que tange métodos e técnicas de pesquisa, esses trabalhos nos apontam que ainda é possível realizar avanços.

### ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Todos nós sabemos que a observação participante é o método de pesquisa por excelência na antropologia. Malinowski, a partir dos anos vinte, preconizou que apenas pela "observação participante" seria possível ao pesquisador conhecer o outro em profundidade e, por meio de tal conhecimento, superar os pressupostos evolutivos e o eurocentrismo. Para isso, a etnografia deveria ser uma pesquisa intensiva, de longa duração; o etnógrafo precisaria viver no local etnografado, aprender a língua, e, sobretudo, observar e participar da vida cotidiana.

No caso dos estudos apresentados acima e em outros que não foram expostos aqui, percebemos que a observação participante foi o principal método utilizado pelos pesquisadores para se aproximarem e se aprofundarem nas questões que permeavam o universo infantil nas sociedades indígenas em que desenvolviam seu trabalho de campo. Tal técnica foi usada para diversos objetivos, seja para saber a noção que os adultos de determinada sociedade tem sobre a infância (Cohn, 2000; e Nunes, 2003), ou para entender as regras que regem a socialidade (Pereira, 2010) ou a

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

transmissão de saberes entre as crianças (Codonho, 2007).

Mas chamo a atenção, de modo especial, para a utilização de desenhos feitos pelas crianças como método de se obter informações sobre a infância, principalmente no que diz respeito ao conhecimento infantil sobre a ornamentação corporal e o etnoconhecimento, respectivamente identificados nos trabalhos de Cohn (2000) e Codonho (2003).

Apesar de já terem sido utilizados por antropólogos de renome, como Mead e Bateson (1942), os desenhos, assim como as redações, as filmagens e as fotografias, são materiais não convencionais na pesquisa antropológica, mas que parecem ter grande rendimento nas pesquisas com crianças. Nesta direção, vale destacar o trabalho de Pires (2007), que teve como principal objetivo estudar a relação entre religião e crianças em uma cidade do semi-árido nordestino. Na elaboração de sua tese a autora contou com várias técnicas de pesquisa, a saber, desenhos, redações, filmagens, fotografias, diários, programas de rádio, cartas, entrevistas e observação participante. De acordo com a pesquisadora, os instrumentos mais frutíferos foram os desenhos<sup>11</sup>, as redações e a observação participante, entretanto, os outros métodos também apontaram pontos

positivos, pois delimitaram a realidade social dessas crianças<sup>12</sup>.

Sobre os desenhos e a observação participante Pires (2007: 236) expõe que:

Na pesquisa por mim empreendida, os desenhos foram largamente utilizados como material de pesquisa complementar à [observação] participante. Ao desenhar sobre um tema proposto, as crianças colocam no papel o que lhes é mais evidente. Nesse sentido, o desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo que primeiro vem à cabeça, aquilo que é mais óbvio para a criança. Porém, quando combinado com a observação participante, é que os dois instrumentos potencializam a sua utilidade. Os desenhos podem funcionar como um guia para a observação participante. Com os desenhos à mão, é possível direcionar o olhar para a realidade de acordo com os tópicos levantados pela população estudada. De outro lado, a observação participante dá corpo ou refuta as sugestões que os desenhos engendram.

Nessa perspectiva, os desenhos servem para alertar o pesquisador sobre possíveis visões “adultocêntricas”, pois ao se aproximar de idéias mais imediatas que a criança tem sobre determinado tema, poderá perceber que o que é óbvio para ele não o é para a criança<sup>13</sup>. Tal constatação auxilia no desenvolvimento da pesquisa, na medida em que indicará pontos em que o pesquisador deverá empreender um olhar mais atento na observação participante, podendo assim comprovar ou refutar idéias engendradas nas ilustrações.

Quanto às redações, Pires (2007: 242) em alguns momentos as utiliza como

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

um comentário da criança sobre o desenho feito. Segundo essa autora:

Os desenhos úteis para a pesquisa antropológica são, sem dúvida, aqueles nos quais as crianças se esmeraram nos comentários. Diferentemente dos psicólogos, os antropólogos não são treinados para inferir qualquer conclusão com base em um desenho.

Desse modo, as redações são mais que um material complementar aos desenhos, elas são a verdadeira materialização no papel do pensamento infantil. Foi através das redações que Pires (2007: 242) pôde saber se ao desenhar uma árvore a criança estava desenhando um “mal-assombro” ou a “mangueira do sitio do meu avô”.

James, Jenks e Prout (1998, p.189) concordam que a eficácia da técnica do desenho é potencializada na medida em que ele é motivo de discussões posteriores: “Conversar com as crianças sobre os significados que elas atribuem a seus desenhos ou pedir a elas que escrevam uma estória permite que as crianças se engajem mais produtivamente nas nossas questões de pesquisa, usando os talentos que elas possuem” (apud PIRES, 2007, p.243).

Toren (2010) também compartilha do pensamento que o ato de escrever uma estória é um grande aliado na tarefa de identificar e compreender as elaborações

que as crianças tem sobre o mundo em que vivem. Partindo da perspectiva da autopoiesis, a pesquisadora compreende o próprio ato de pesquisar sobre processos humanos como constitutivo de saber e do conhecer de indivíduos e coletividades em diferentes fases do ciclo de vida. Ao tomar conhecimento desse processo, a experiência de observação ganha um lugar privilegiado, fazendo destacar-se como centrais os conceitos de socialidade, personalidade e *self*, importantes para entender quem somos e o que queremos dizer com o que expressamos. Em seu trabalho de campo incentiva crianças fijianas a redigir suas compreensões sobre o futuro e as analisa enquanto produtoras de alteridade e indutoras de responsabilidades.

É importante salientar também que muitos desses métodos não convencionais da pesquisa antropológica são extremamente prazerosos para as crianças. Os desenhos, por exemplo, fazem parte das atividades cotidianas de muitas crianças, e as fotografias podem tornar-se uma brincadeira especial, pois as crianças tomam contato com um equipamento alheio ao seu cotidiano, o que torna a atividade bastante atrativa. É certo que as fotografias tem o inconveniente do alto custo da revelação e a manutenção das máquinas, contudo, tanto fotografias

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

quanto desenhos podem ser úteis para a aproximação e a conquista da confiança das crianças.

Meu intento ao apresentar esses trabalhos que se valeram desses métodos considerados não convencionais na antropologia é chamar a atenção para um aspecto que temos observado na bibliografia comentada, a ausência nas etnografias, das “vozes” das crianças, das perspectivas infantis. É importante lembrar, conforme observa Pires (2007, p.225) que o campo é que nos fornece pistas sobre em quais métodos devemos investir. No entanto, voltando nossa atenção para esses trabalhos, percebemos que mesmo aqueles que se utilizaram de desenhos em sua análise, não o exploraram, ao que parece, exaustivamente.

Como as próprias organizadoras do debate em torno de infâncias indígenas têm apontado<sup>14</sup>, para uma aproximação mais fecunda das experiências infantis nos contextos que estudamos, é preciso “levar a sério as crianças”.

Além de ouvir os adultos para construir as elaborações que fazemos sobre a infância da sociedade em que pesquisamos, devemos atentar para as elaborações que as crianças fazem sobre a sociedade em que vivem.

É fato que tal tarefa não é das mais fáceis, afinal, ela exige uma acuidade metodológica por parte do pesquisador, além de uma sensibilidade para interpretar os dados que lhe chegam as mãos. A utilização dos métodos comentados junto com a observação participante só tem a contribuir na tarefa de tornarmos cada vez mais presentes e mais fortes “as vozes das crianças” nas descrições das experiências de crianças indígenas nas terras baixas da América do Sul.

### Abstract

This article is in an area of interest that comes to meet several anthropologists: the study with and about children. A review of the anthropological approach about children point to the surpass of patterns that priority the focus on reproduction social and the transmission cultural. In fact the anthropologist tends to consider the children as an active subject in the social process that involves them (Cohn 2005). The aim of this article is to do a commentary about the about the bibliography of indigenous children at indigenous childhood at low land South American, from the ethnographical reading and theoretical work about the theme. Based in this analysis, I indicate some clue or way that can contribute in the theoretical development of this methodological space of investigation.

**Key-words:** Anthropology of Children, Indigenous Ethnology, Indigenous Childhood.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES  
INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

- ALVAREZ, Miriam. “Kitoko Maxakali: A criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização”. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 8, volume 15(1): 49-78, 2004.
- CODONHO, Camila. *Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno*, dissertação de mestrado, UFSC, 2007.
- COHN, Clarice. *A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado*. São Paulo, pp. 185, dissertação, USP, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.
- FERNANDES, Florestan. *Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá*. In: *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus e Edusp, 1966.
- JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. *Theorizing childhood*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- JESUS, Suzana Cavalheiro de. *Brincadeiras de crianças Mbyá Guarani no urbano de Santa Maria, RS: educação, cultura e identidade étnica*. ANPOCS, 2009.
- LECZNIESKI, Lisiane Koller. *Estranhos laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- LIMULJA, Hanna C. *Uma Etnografia da Escola Indígena Fen'Nó à luz da Noção de Corpo e das Experiências das Crianças Kaingang e Guarani*, Dissertação de Mestrado, UFSC, 2007.
- LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera L. S. *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo, Global, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Introdução-Tema, método e objetivo desta pesquisa*. In: *Coleção Os Pensadores, Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MEAD, Margareth; BATESON, Gregory. *Balinese Character: A Photographic Analysis*, 1942.
- MELATTI, Júlio Cezar e MELATTI, Delvair Montagner. “A criança Marubo: educação e cuidados”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro: INEP, vol.1, nº1, pp. 293-301, 1944.
- MÉTRAUX, Alfred; DREYFUS-ROCHE, Simone. *La naissance et la première enfance chez les indiens Cayapó du Xingu*. In: \_\_\_\_\_. *Miscellanea Paul Rivet*. México, 1958.
- NUNES, Ângela. *A Sociedade das Crianças A'uwê-Xavante – por uma antropologia da criança*. Dissertação de mestrado, USP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Brincando de ser criança: contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, ISCTE, Lisboa, Portugal.
- OLIVEIRA, Melissa. *Infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC*. Dissertação de mestrado, UFSC, 2004.

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

PEREIRA, Levi Marques. A socialização da criança kaiowá e guarani: formas de sociedade internas às comunidades e transformações históricas recentes no ambiente de vida. Comunicação, ANPOCS, 2010.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 50, Nº 1, 2007.

SCHADEN, Egon. Educação e Magia nos rituais de iniciação. Revista Problemas Brasileiros. Rio de Janeiro, v.3, n.8, p.271-74, 1945.

\_\_\_\_\_. Educação Indígena. Revista Problemas Brasileiros. São Paulo, ano XIV, n.152, p.23-32, 1976.

TASSINARI, Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. Núcleo de Estudos e Pesquisas das populações Indígenas – NEPPI, Campo Grande UCDB, ano 7, n. 13, pp. 11-25, 2007.

TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as idéias das crianças fijianas sobre suas vidas como adultos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.19-48, jul/dez.2010.

### NOTAS

<sup>1</sup>Tal projeto possui orientação da professora doutora Elizabeth de Paula Pissolato.

<sup>2</sup> Ver Cohn (2005).

<sup>3</sup> Para conhecimento dos princípios desse novo paradigma ver Lopes da Silva, Nunes e Macedo (2002, p. 18).

<sup>4</sup> Alan Prout e Allison James são exemplos de grandes representantes dessa corrente.

<sup>5</sup> Alguns exemplos desses trabalhos são: Cohn (2000), Nunes (2003), Oliveira (2004), Alvarez

(2004), Lecznieski (2005), Godonho (2007), Limulja (2007), Souza (2008), Jesus (2009), Pereira (2010).

<sup>6</sup> Como exemplo podemos citar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>7</sup> Temos como exemplo o GT da ABA de 2009 “Antropologia da criança: reconhecendo conhecimentos e saberes infantis”; o ST da ANPOCS de 2010 “Do ponto de vista das crianças: pesquisas recentes em Ciências Sociais”, em ambos os congressos, tais fóruns tendo como coordenadoras as professoras Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC) e Clarice Cohn (UFSCAR).

<sup>8</sup> Trata-se, segundo Cohn, de uma “festa em que dançam e cantam duas mascaras, seguidas pelas mulheres em silêncio, e que são confeccionadas pelos homens no *ngà*, longe dos olhares de mulheres e crianças, devidamente fechado por palha” (COHN, 2000, p. 74).

<sup>9</sup> *Kwatui* são as avós ou tias paternas, reais ou classificatórias; *ngêt* são os avós ou tios maternos, reais ou classificatórios; *tabdjuo* é a criança que recebe a prerrogativa da *kwatui* ou do *ngêt*.

<sup>10</sup> No trabalho de Cohn, por exemplo, a autora destaca que a concepção xikrin de pessoa passa necessariamente pela fabricação do corpo – as crianças só se integram a sociedade xikrin, ou seja, só se tornam humanas depois da pintura de seu corpo -, o que torna sua reflexão semelhante a de Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979). Sobre a o conceito de socialização, podemos encontrar uma rica abordagem sobre as formas de socialidade internas das crianças kaiowá e guarani no trabalho de Pereira (2010).

<sup>11</sup> A autora classificou os desenhos em três tipos: (1) livres, (2) temáticos e (3) temáticos controlados. Mais detalhes ver Pires (2007, p.237).

<sup>12</sup> Sobre o recurso das fotografias, Pires (2007, p. 248) destaca que este “permite um acesso (parcial) ao mundo infantil na medida em que é possível tomar conhecimento daquilo que, dentre tudo o que está à sua volta, é considerado pela criança como o mais importante e bonito”. Aos diários, a pesquisadora se referiu como uma fonte de “acesso a realidades normalmente restritas ao antropólogo, como as refeições em família” (p.249).

<sup>13</sup> Ver Toren (2010, p.20).

<sup>14</sup> Antonella Tassinari e Clarice Cohn no seminário temático intitulado “Do ponto de vista das crianças: pesquisas recentes em Ciências Sociais”, realizado durante o 34º Encontro da ANPOCS, chamaram a atenção para o pequeno número de comunicações

## REFLEXÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DA INFÂNCIA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

---

apresentadas que abordaram o ponto de vista da  
criança.